

Janela

Olga Tokarczuk

Tradução de Vássia Silveira¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Na primeira semana de abril deste ano, a escritora polonesa Olga Tokarczuk, prêmio Nobel de Literatura (2018), escreveu um texto compartilhando suas primeiras impressões da vida (e do mundo) em meio ao isolamento social provocado pela pandemia do coronavírus.

“Okno”, título do relato da escritora, foi publicado em *OKO.Press*², um site jornalístico polonês financiado por leitores. Em 29 de maio, o texto ganhou uma tradução para o espanhol, assinada por Michal Góral e publicada no portal *América 2.1*³.

A tradução para o português apresentada aqui, teve “La ventana” como texto de partida. Mas algumas escolhas tradutórias foram movidas pela escuta de rumores da língua de Olga Tokarczuk⁴. Nesse sentido, e apesar de tratar-se de uma tradução indireta, creio que esta versão não deixa de ser também uma *janela*. Aberta, ela convida a um passeio no entre-lugar das línguas. E sinaliza minha concordância com a afirmação feita em “Tradução como cultura”, por Spivak (2005, p. 56): “A tradução é o mais íntimo ato de leitura.”.

Janela

Da janela vejo uma amoreira-branca, árvore que me fascina e que foi uma das razões pelas quais vivo aqui. A amoreira é uma planta generosa – alimenta a dezenas de aves, por toda a primavera e o verão, com seus frutos doces e saudáveis. Agora, porém,

¹ Jornalista e escritora. Mestra em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Doutoranda e bolsista CAPES na PGET/UFSC. E-mail: vassia@uol.com.br.

² Ver: oko.press/olga-tokarczuk-wirus-przypomni-nam-jak-bardzo-nie-jestesmy-rowni-caly-felieton-noblistki/. Último acesso em: 09 nov. 2020.

³ Ver: <https://americanuestra.com/la-ventana-relato-de-una-premio-nobel-en-el-confinamiento/>.

⁴ Essa escuta acabou me levando ao texto em polonês. Por não conhecer o idioma, e na tentativa de me aproximar do campo semântico de algumas palavras, fiz uso de ferramentas como o *Google Translation* (tradução automática) e o *Linguee*. Algumas escolhas surgiram desse movimento e, por isso, diferem do que seria uma tradução somente do espanhol. Ressalto, ainda sobre tais escolhas, que ao terminar minha tradução recorri ao professor e tradutor Piotr Kilanowski para tirar algumas dúvidas. Agradeço muitíssimo a ele pela generosa ajuda.

a amoreira está desfolhada, então vejo um pedaço de rua silenciosa na qual raramente passa alguém caminhando em direção ao parque.

O tempo em Wrocław é quase de verão, o sol é brilhante, o céu está azul, e o ar, límpido. Hoje, durante o passeio com meu cachorro, vi duas pegas afugentando uma coruja de seu ninho. A coruja e eu nos entreolhamos a uma distância de apenas um metro.

Tenho a impressão de que os animais também estão esperando pelo que vai acontecer.

Para mim, há tempos o mundo estava em excesso. Excessivo, excessivamente rápido, excessivamente barulhento.

Então não tenho “trauma de isolamento” e não sofro pelo fato de não poder me encontrar e estar com as pessoas. Não lamento que tenham fechado os cinemas, não me importa se os shoppings não funcionam. Só me preocupo quando penso em todos os que perderam o emprego.

Quando soube da quarentena preventiva, senti certo alívio – e sei que muita gente sente o mesmo, ainda que tenha vergonha disso. Minha introversão, amplamente sufocada e maltratada pelos ditames dos extrovertidos entusiasmados, se rebelou e saiu do armário.

Olho pela janela o meu vizinho, um magistrado ocupadíssimo, que até recentemente eu costumava ver sair pela manhã, para os tribunais, com a toga pendurada no ombro. Agora, com um conjunto de moletom folgado, ele luta com um galho no jardim – acho que se ocupou de colocar a devida ordem. Vejo um casal de jovens passeando com um cachorro velho que, desde o inverno passado, mal consegue andar. O cachorro cambaleia, e eles o acompanham pacientemente, caminhando em um ritmo mais lento. O caminhão recolhe o lixo com um ruído excessivo.

A vida continua, é claro, mas em um ritmo completamente diferente. Arrumei o armário e levei os jornais que eu tinha lido à lixeira destinada a papel. Replantei as flores. Peguei a bicicleta na oficina de reparos. Adoro cozinhar.

Voltam, insistentemente, as imagens de minha infância, quando havia muito mais tempo e era possível “desperdiçá-lo” olhando pela janela por horas, ficar observando as formigas, deitada debaixo da mesa e imaginando que era uma arca. Ou lendo uma enciclopédia.

Será que não voltamos ao ritmo normal da vida? Que não é o vírus o anormal, mas o contrário, o anormal era o mundo agitado de antes?

O vírus nos fez lembrar daquilo que estávamos reprimindo com tamanha paixão: que somos seres frágeis, constituídos da matéria mais delicada. Que morremos, que somos mortais. Que não estamos separados do mundo por nossa "humanidade" e singularidade, mas sim que o mundo é como uma grande rede na qual estamos enredados, entrelaçados com outros seres por fios invisíveis de dependências e influências. Que dependemos uns dos outros, e que não importa de qual país distante viemos, o idioma que falamos ou a cor de nossa pele: todos nós adoecemos, todos nós sentimos medo e todos nós morremos.

Nos fez entender que, não importa quão fracos e vulneráveis nos sentimos diante do perigo, tem gente ao nosso redor muito mais fraca, e que precisa de ajuda. Lembrou-nos como são frágeis os nossos pais e avós idosos, e o quanto eles merecem nosso cuidado.

Mostrou-nos que a nossa agitada mobilidade ameaça o mundo. E reavivou a pergunta que, raramente, tivemos coragem de fazer a nós mesmos: o que exatamente estamos procurando?

O medo da doença nos fez recuar no caminho trilhado e lembrou-nos da existência dos ninhos dos quais saímos e onde nos sentimos seguros. E embora sejamos, não sei até que ponto, grandes viajadores, em uma situação como esta, sempre seremos empurrados para algum lar.

Assim, as tristes verdades nos foram reveladas, que no momento do perigo, o pensamento retorna em categorias fechadas e exclusivas de nações e fronteiras. Neste momento difícil, descobriu-se quão frágil é, na prática, a ideia da comunidade europeia.

A União Europeia praticamente jogou a toalha, passando, em tempos de crise, as decisões aos Estados. Considero o fechamento das fronteiras nacionais o maior fracasso desta época miserável – estão de volta os velhos egoísmos e as categorias "nós" e "outros", ou seja, coisas que combatemos nos últimos tempos – com a esperança de que não voltarão a conformar nossas mentes.

O temor ao vírus fez vir à tona, automaticamente, as mais simplórias crenças atávicas – como a de que os culpados são os Outros, e eles sempre trazem o perigo de algum lugar. Na Europa, o vírus é "de algum canto", não é nosso, é do Outro. Na Polônia, todos os que retornam do estrangeiro tornaram-se suspeitos.

A onda de fechamento de fronteiras, filas monstruosas nos postos de controle, foi provavelmente uma surpresa para muitos jovens. O vírus é um lembrete: as fronteiras existem e permanecem latentes.

Temo também que o vírus nos fará lembrar, rapidamente, de outra antiga verdade: quão somos desiguais. Alguns de nós voarão em aviões particulares até a casa em uma ilha ou em um refúgio na mata, enquanto outros ficarão nas cidades para operar as centrais elétricas e as estações de abastecimento de água. Outros irão arriscar a saúde trabalhando em lojas e hospitais. Alguns vão fazer fortuna com a epidemia, enquanto outros perderão tudo o que haviam poupado.

A crise que se avizinha provavelmente irá minar os princípios que pareciam estáveis para nós; muitos países não serão capazes de superá-la, e em face de sua decomposição irão surgir novas ordens, como geralmente acontece depois das crises.

Ficamos em casa, lemos livros e assistimos a séries de televisão, mas, na realidade, nos preparamos para a grande batalha por uma nova realidade que não podemos, sequer, imaginar. Entendendo, pouco a pouco, que nada será como antes.

A situação de quarentena forçada e o confinamento da família em casa podem nos fazer perceber o que não queríamos admitir: que a família nos cansa, que os laços matrimoniais estão se desfazendo há muito tempo. Nossos filhos sairão da quarentena viciados em internet, e muitos de nós perceberemos o quão estéril e absurda é a situação em que, mecanicamente e com o poder da inércia, estamos. E se aumenta o número de assassinatos, suicídios e doenças mentais?

Diante de nossos olhos, está se esvaindo, como fumaça, o paradigma da civilização que nos moldou nos últimos duzentos anos: que somos os donos da criação, que podemos fazer tudo e que o mundo nos pertence.

Novos tempos estão chegando.

La ventana

(Trad. Michal Góral)

Desde la ventana veo un *morus blanco*, un árbol que me fascina y que fue una de las razones por las que vivo aquí. El *morus* es una planta generosa -alimenta a docenas de aves durante toda la primavera y el verano con sus frutos dulces y saludables-. Ahora, sin embargo, el *morus* no tiene hojas, así que veo un trozo de calle silenciosa por la que raramente pasa alguien caminando hacia el parque.

El tiempo en Wroclaw es casi de verano, el sol es deslumbrante, el cielo es azul y el aire es claro. Hoy, durante el paseo con mi perro, vi a dos urracas ahuyentando a un

búho de su nido. El búho y yo nos miramos a los ojos desde una distancia de solo un metro.

Tengo la impresión de que los animales también están esperando a lo que va a pasar.

Para mí, ya desde hace largo tiempo, fue demasiado del mundo. Demasiado, demasiado rápido, demasiado ruidoso.

Así que no tengo “trauma de aislamiento” y no sufro por el hecho de no poder quedar y verme con la gente. No lamento que hayan cerrado los cines, no me importa si los centros comerciales no funcionan. Sólo me preocupo cuando pienso en todos los que perdieron sus trabajos.

...

Cuando me enteré de la cuarentena preventiva, sentí cierto alivio y sé que mucha gente se siente de la misma manera, aunque se avergüencen de ello. Mi introversión, largamente estrangulada y maltratada por los dictados de los extrovertidos hiperactivos, se agitó y salió del armario.

Miro por la ventana a mi vecino, un abogado muy ocupado, al cual hace poco tiempo solía ver salir por la mañana hacia los juzgados con su toga colgada al hombro. Ahora, con un chándal holgado lucha con una rama en el jardín, creo que se ocupó de poner el orden. Veo a una pareja de jóvenes paseando un perro viejo, que apenas camina desde el invierno pasado. El perro se tambalea sobre sus patas, y ellos pacientemente lo acompañan, caminando con él a un paso más lento. El camión está recogiendo la basura con mucho ruido.

La vida continúa, cómo no, pero a un ritmo completamente diferente. Limpié el armario y llevé los periódicos que había leído al contenedor de papel. Replanté las flores. Recogí la bicicleta del taller. Me encanta cocinar.

Vuelven obstinadamente las imágenes de mi infancia, cuando había mucho más tiempo y se podía “malgastar”, mirando por la ventana durante horas, observando las hormigas, tumbada bajo la mesa e imaginando que es un arca. O leyendo una enciclopedia.

...

¿No será que hemos vuelto a un ritmo de vida normal? ¿Que no es el virus lo que es anormal, sino lo contrario, que el mundo agitado antes del virus era anormal?

El virus nos recordó lo que estábamos reprimiendo con tanta pasión: que somos seres frágiles, contruidos con la materia más fina. Que morimos, que somos mortales.

Que no estamos separados del mundo por nuestra «humanidad» y singularidad, sino que el mundo es una especie de gran red en la que estamos atrapados, conectados a otros seres con hilos invisibles de dependencias e influencias. Que dependemos unos de otros y que no importa de qué lejano país vengamos, el idioma que hablemos o el color de nuestra piel, nos enfermamos por igual, igual tenemos miedo e igual morimos.

Nos hizo darnos cuenta, de que no importa cuán débiles y vulnerables nos sintamos ante el peligro, a nuestro alrededor hay gente aún más débil y que necesita ayuda. Nos recordó lo delicados que son nuestros viejos padres y abuelos y lo mucho que merecen nuestro cuidado.

Nos mostró, que nuestra agitada movilidad amenaza al mundo. Y evocó la misma pregunta, que rara vez tuvimos el coraje de hacernos a nosotros mismos: ¿Qué buscamos realmente?

...

El miedo a la enfermedad nos hizo retroceder del camino trillado y nos recordó la existencia de los nidos de los que venimos y donde nos sentimos seguros. Y aunque hayamos sido no sé cuán grandes viajeros, en una situación como ésta, siempre seremos empujados a algún hogar.

Así, se nos revelaron las tristes verdades, que en el momento de peligro, vuelve el pensamiento en encerronas y excluyentes categorías de naciones y fronteras. En este difícil momento se reveló lo débil que es en la práctica la idea de la comunidad europea.

La Unión, prácticamente ha entregado el combate al luchador, pasando en tiempos de crisis, las decisiones a los estados nacionales. Considero que el cierre de las fronteras estatales es el mayor fracaso de esta época miserable – volvieron los viejos egoísmos y las categorías «míos» y «otros», es decir, algo con que hemos luchado durante los últimos años con la esperanza de que no volverá a formatear nuestras mentes.

...

El temor al virus evocó automáticamente las más simples creencias atávicas, de que algunos extraños son los culpables y siempre traen el peligro de algún lugar. En Europa el virus es «de alguna parte», no es nuestro, es alienígena. En Polonia, todos los que regresan del extranjero se han convertido en sospechosos.

La ola de cierre de fronteras, monstruosas colas en los puntos de control, para muchos jóvenes fue probablemente una sorpresa. **El virus es un recordatorio: las fronteras existen y siguen ahí.**

También temo, que el virus nos recordará rápidamente otra vieja verdad, lo desiguales que somos. Algunos de nosotros volarán en aviones privados a casa en una isla o en un retiro del bosque, mientras que otros se quedarán en las ciudades para operar las plantas de energía y los suministros de agua. Otros arriesgarán su salud trabajando en tiendas y hospitales. Algunos se forrarán con la epidemia, otros perderán los ahorros de vida.

...

La crisis que se avecina probablemente socavará los principios que nos parecían estables; muchos países no podrán superarla y ante la descomposición de ellos despertarán nuevos órdenes, como suele ocurrir después de las crisis.

Nos quedamos en casa, leemos libros y vemos series de televisión, pero en realidad nos preparamos para la gran batalla por una nueva realidad que ni siquiera podemos imaginar, entendiendo poco a poco que nada será igual que antes.

La situación de cuarentena forzosa y el encuartelamiento de la familia en el hogar puede hacer que nos demos cuenta de lo que no queríamos admitir en absoluto: que la familia nos cansa, que los lazos matrimoniales se están deshaciendo desde hace tiempo. Nuestros hijos saldrán de la cuarentena adictos a internet, y muchos de nosotros nos daremos cuenta del sinsentido y la asepsia de una situación en la que mecánicamente y con el poder de la inercia nos encontramos. ¿Y si aumenta el número de asesinatos, suicidios y enfermedades mentales?

Ante nuestros ojos, se está desintegrando como el humo el paradigma de la civilización que nos ha conformado en los últimos doscientos años: que somos dueños de la creación, que podemos hacerlo todo y que el mundo nos pertenece.

Se acercan nuevos tiempos.

Okno

Olga Tokarczuk

Z mojego okna widzę białą morwę, drzewo, które mnie fascynuje i było jednym z powodów, dlaczego tu zamieszkałam. Morwa jest hojną rośliną – całą wiosną i całe lato karmi dziesiątki ptasich rodzin swoimi słodkimi i zdrowymi owocami. Teraz jednak morwa nie ma liści, widzę więc kawałek cichej ulicy, po której rzadko ktoś przechodzi, idąc w kierunku parku.

Pogoda we Wrocławiu jest prawie letnia, świeci oślepiające słońce, niebo jest błękitne, a powietrze czyste. Dziś podczas spaceru z psem, widziałam jak dwie sroki przeganiały od swojego gniazda sowę. Spojrzałyśmy sobie z sową w oczy z odległości zaledwie metra.

Mam wrażenie, że zwierzęta też czekają na to, co się wydarzy.

Dla mnie już od dłuższego czasu świata było za dużo. Za dużo, za szybko, za głośno.

Nie mam więc „traumy odosobnienia” i nie cierpię z tego powodu, że nie spotykam się z ludźmi. Nie żałuję, że zamknęli kina, jest mi obojętne, że nieczynne są galerie handlowe. Martwię się tylko, kiedy pomyślę o tych wszystkich, którzy stracili pracę.

Kiedy dowiedziałam się o zapobiegawczej kwarantannie, poczułam coś w rodzaju ulgi i wiem, że wielu ludzi czuje podobnie, choć się tego wstydzi. Moja introwersja długo zduszana i maltretowana dyktatem nadaktywnych ekstrawertów, otrzepała się i wyszła z szafy.

Patrzę przez okno na sąsiada, zapracowanego prawnika, którego jeszcze niedawno widywałam, jak wyjeżdżał rano do sądu z togą przewieszoną przez ramię. Teraz w workowatym dresie walczy z gałęzią w ogródku, chyba wziął się za porządky. Widzę parę młodych ludzi, jak wyprowadzają starego psa, który od ostatniej zimy ledwie chodzi. Pies chwieje się na nogach, a oni cierpliwie mu towarzyszą, idąc najwolniejszym krokiem. Śmieciarka z wielkim hałasem odbiera śmieci.

Życie toczy się, a jakże, ale w zupełnie innym rytmie. Zrobiłam porządek w szafie i wyniosłam przeczytane gazety do pojemnika na papier. Przesadziłam kwiaty. Odebrałam rower z naprawy. Przyjemność sprawia mi gotowanie.

Uporczywie wracają do mnie obrazy z dzieciństwa, kiedy było dużo więcej czasu i można było go „marnować”, godzinami gapiąc się przez okno, obserwując mrówki, leżąc pod stołem i wyobrażając sobie, że to jest arka. Albo czytając encyklopedię.

Czy aby nie jest tak, że wróciliśmy do normalnego rytmu życia? Że to nie wirus jest zaburzeniem normy, ale właśnie odwrotnie – tamten hektyczny świat przed wirusem był nienormalny?

Wirus przypomniiał nam przecież to, co tak namiętnie wypieraliśmy – że jesteśmy kruchymi istotami, zbudowanymi z najdelikatniejszej materii. Że umieramy, że jesteśmy śmiertelni.

Że nie jesteśmy oddzieleni od świata swoim „człowieczeństwem” i wyjątkowością, ale świat jest rodzajem wielkiej sieci, w której tkwimy, połączeni z innymi bytami niewidzialnymi nićmi zależności i wpływów. Że jesteśmy zależni od siebie i bez względu na to, z jak dalekich krajów pochodzimy, jakim językiem mówimy i jaki jest kolor naszej skóry, tak samo zapadamy na choroby, tak samo boimy się i tak samo umieramy.

Uświadomił nam, że bez względu na to, jak bardzo czujemy się słabi i bezbronni wobec zagrożenia, są wokół nas ludzie, którzy są jeszcze słabsi i potrzebują pomocy. Przypomniał, jak delikatni są nasi starzy rodzice i dziadkowie i jak bardzo należy im się nasza opieka.

Pokazał nam, że nasza gorączkowa ruchliwość zagraża światu. I przywołał do samo pytanie, które rzadko mieliśmy odwagę sobie zadać: Czego właściwie szukamy?

Lęk przed chorobą zawrócił więc nas z zapętlonej drogi i z konieczności przypomniał o istnieniu gniazd, z których pochodzimy i w których czujemy się bezpiecznie. I nawet gdyśmy byli, nie wiem jak wielkimi podróżnikami, to w sytuacji takiej, jak ta, zawsze będziemy przeć do jakiegoś domu.

Unia właściwie oddała mecz walkowerem, przekazując decyzje w czasach kryzysu państwom narodowym. Zamknięcie granic państwowych uważam za największą porażkę tego marnego czasu – wróciły stare egoizmy i kategorie „swoi” i „obcy”, czyli to, co przez ostatnie lata zwalczaliśmy z nadzieją, że nigdy więcej nie będzie formatowało nam umysłów.

Lęk przed wirusem przywołał automatycznie najprostsze atawistyczne przekonanie, że winni są jacyś obcy i to oni zawsze skądś przynoszą zagrożenie. W Europie wirus jest „skądś”, nie jest nasz, jest obcy. W Polsce podejrzani stali się wszyscy ci, którzy wracają z zagranicy.

Fala zatrząskiwanych granic, monstrialne kolejki na przejściach granicznych dla wielu młodych ludzi były zapewne szokiem. Wirus przypomina: granice istnieją i mają się dobrze.

Obawiam się też, że wirus szybko przypomni nam jeszcze inną starą prawdę, jak bardzo nie jesteśmy sobie równi. Jedni z nas wylecą prywatnymi samolotami do domu na wyspie lub w leśnym odosobnieniu, a inni zostaną w miastach, żeby obsługiwać elektrownie i wodociągi. Jeszcze inni będą ryzykować zdrowie, pracując w sklepach i szpitalach. Jedni dorobią się na epidemii, inni stracą dorobek swojego życia.

Kryzys, jaki nadchodzi, zapewne podważy te zasady, które wydawały się nam stabilne; wiele państw nie poradzi sobie z nim i w obliczu ich dekompozycji obudzą się nowe porządki, jak to często bywa po kryzysach. Siedzimy w domu, czytamy książki i oglądamy seriale, ale w rzeczywistości przygotowujemy się do wielkiej bitwy o nową rzeczywistość, której nie potrafimy sobie nawet wyobrazić, powoli rozumiejąc, że nic już nie będzie takie samo, jak przedtem.

Sytuacja przymusowej kwarantanny i skoszarowania rodziny w domu może uświadomić nam to, do czego wcale nie chcielibyśmy się przyznać: że rodzina nas męczy, że więzi małżeńskie dawno już zetlały. Nasze dzieci wyjdą z kwarantanny uzależnione od internetu, a wielu z nas uświadomi sobie bezsens i jałowość sytuacji, w której mechanicznie i siłą inercji tkwi. A co, jeśli wzrośnie nam liczba zabójstw, samobójstw i chorób psychicznych?

Na naszych oczach rozwiewa się jak dym paradygmat cywilizacyjny, który nas kształtował przez ostatnie dwieście lat: że jesteśmy panami stworzenia, możemy wszystko i świat należy do nas.

Nadchodzą nowe czasy.

REFERÊNCIAS

TOKARCZUK, Olga. Okno. *OKO.press*, 2 de abril de 2020. Disponível em: <https://oko.press/olga-tokarczuk-wirus-przypomni-nam-jak-bardzo-nie-jestesmy-rowni-caly-felieton-noblistki/>. Último acesso: 10 nov. 2020.

_____. La ventana. Trad. Michal Góral. *América 2.1*, 29 de maio de 2020. Disponível em: <https://americanuestra.com/la-ventana-relato-de-una-premio-nobel-en-el-confinamiento/>. Último acesso: 23 jul. 2020.